

## **NOMES DE FAMÍLIA DE CONOTAÇÃO RELIGIOSA E HEMOGLOBINA S**

José Tavares-Neto

### **INTRODUÇÃO**

Na Bahia, em trabalho anterior<sup>8</sup>, ficou evidente a associação entre os nomes de família (sobrenomes) de conotação religiosa e o grau de mistura racial negróide dos indivíduos. Esta mesma associação foi observada em doadores de sangue<sup>9</sup> – os indivíduos com sobrenomes religiosos tiveram frequências gênicas de alelos do sistema sangüíneo ABO indicativas de mistura negróide maior. Posteriormente, a mesma associação entre estes tipos de nomes de família e a raça negra, foi descrita em moradores do Distrito Federal, procedentes de vários Estados brasileiros<sup>7</sup>.

A hemoglobinopatia S (HbS) é característica da raça negra<sup>2</sup>. No Brasil, entretanto, essa hemoglobina anormal encontra-se distribuída, mais amplamente, nos diversos grupos raciais em decorrência da intensa miscigenação racial das populações brasileiras<sup>5</sup>.

Como ambas as características, HbS e sobrenomes religiosos, estão ligadas à raça negra, espera-se a associação secundária entre elas – reforçando, assim, a associação primária dos nomes e a raça

negra. Desse modo, o propósito do presente trabalho foi estimar a existência ou não da associação entre nomes de família de conotação religiosa e a hemoglobinopatia S.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

De investigação anterior<sup>10</sup> dispunha-se das informações de 3009 pessoas com hemoglobina normal (HbAA) e de 91 portadores do traço falciforme (HbAS), residentes no Distrito Federal e maiores de 18 anos de idade. Os genótipos da hemoglobina foram determinados por eletroforese<sup>10</sup> em gel de amido pH 9,6.

Cada indivíduo com HbAS foi pareado a outro com hemoglobina normal (HbAA) por: sexo, idade ( $\pm 3$  anos), grupo racial e naturalidade (Estado). Quando mais de um indivíduo com HbAA obedeceu aos critérios de pareamento, selecionou-se o de número de ordem mais próximo ao do indivíduo com HbAS, e residente na mesma cidade-satélite ( ou Plano Piloto) do Distrito Federal.

O último sobrenome (nome da família) de cada indivíduo foi classificado quanto ao tipo em<sup>8,9</sup>: conotação religiosa e com "outros" significados. Os nomes de conotação religiosa são aqueles associados às festividades, símbolos, divindades ou em alusão às Santidades da Igreja Católica, não observando na classificação qualquer critério etimológico, mas tão somente o conhecimento popular de cada nome. Os sobrenomes de origem em nomes de planta ou animal<sup>1</sup> foram incluídos no grupo "outros" sobrenomes.

## **RESULTADOS**

Observando os critérios de pareamento, para 11 portadores do traço falciforme (HbAS) não se encontrou o respectivo par e, portanto, foram excluídos. Assim, 80 indivíduos HbAS foram pareados a 80 portadores da hemoglobina normal (HbAA). Em cada grupo, 45 indivíduos eram homens e 35 mulheres. O grupo HbAA teve idades

limites entre 18 e 65 anos ( $31,80 \pm 11,99$  anos) e no grupo HbAS as idades variaram de 20 a 64 anos ( $31,58 \pm 12,30$  anos). A distribuição racial em cada grupo foi a seguinte (n): branco (24), mulato-claro (25), mulato-médio (15), mulato-escuro (8), negro (7) e mestiço de índio (1). Já a distribuição por Estado de nascimento foi a seguinte (n): Bahia (9), Distrito Federal (1), Goiás (16), Maranhão (3), Minas Gerais (24), Paraíba (6), Pernambuco (1), Piauí (11), Rio de Janeiro (7), Rio Grande do Sul (1) e São Paulo (1).

Na Tabela 1, os dois tipos de nomes de família foram associados ao tipo da hemoglobina. Observou-se a frequência maior dos nomes de conotação religiosa entre os portadores do traço falciforme, HbAS (23,8%), em comparação aos portadores da hemoglobina normal, HbAA (7,5%) – sendo a diferença altamente significativa ( $X^2_1 = 8,01$   $p < 0,005$ ).

Os nomes classificados como de conotação religiosa, nos dois grupos de pacientes, foram os seguintes: Assis, Bispo, Carmo, Dores, Jesus, Neves, Passos, Reis, Santana, Santos e Xavier.

## DISCUSSÃO

O negro-escravo, antes do embarque para o Novo Mundo, era batizado com um prenome cristão<sup>8</sup>. Posteriormente, quando alforriado ou liberto recebia, algumas vezes, um sobrenome. Porém, a maior frequência de adoção do sobrenome (nome de família) ocorreu no final do século XIX e, principalmente, no primeiro quartel deste século<sup>1,8</sup>.

Muito provavelmente, os mecanismos de adoção do nome de família tiveram vários fatores determinantes conforme a região brasileira. Porque os processos de colonização foram diferentes, bem como os “senhores”<sup>4</sup>. Em cada região do Brasil colônia, e depois império, o modo de vida dos senhores, homens livres e escravos, era moldado pelas injunções econômicas da época. Sendo este determinismo econômico o fator mais relevante para o sistema escravocrata<sup>4,6</sup>.

A Igreja Católica, de outra parte, exerceu notável influência sobre os atos comportamentais, socioculturais e políticos dos nossos antepassados, “das senzalas às casas-grandes e dos mocambos aos sobrados”. Os escravos, em particular, sofreram aquela influência de forma desmedida. O ato do batismo, por exemplo, antes de satisfazer o espírito, satisfazia as exigências do Reino distante, que por sua vez cumpria as determinações papais. A partir daí, o escravo “livre” dos supostos pecados, com uma nova religião e com um novo prenome, estava “apto” também para a nova terra. Este “exame admissional” peculiar para o trabalho forçado, porém, significava uma das agressões aos valores individuais e culturais do indivíduo. Não obstante, a Igreja foi a única instituição, na maior parte do tempo em que durou a escravidão, a fornecer o amparo espiritual e moral aos escravos. Apesar da sua ação ambígua não só por reconhecer, em toda sua extensão, o sistema escravocrata, como por possuir e comercializar escravos. Isto, em parte, explica a frequência elevada de sobrenomes de conotação religiosa entre os brasileiros de ascendência negra<sup>1,7,8,9</sup>, que pode ter também, outros significados: amor, ódio, respeito ou temor.

A associação observada, entre nomes de família de conotação religiosa e a hemoglobinopatia S ( $p < 0,005$ ), reforça a validade do indicador (nome de família) na estimativa do grau de mistura racial da população brasileira. Sendo a hemoglobina S um marcador racial negróide, a associação observada reforça também as observações anteriores<sup>1,3,7,8,9</sup> da associação dos nomes de conotação religiosa e a raça negra.

Apesar da classificação dos nomes utilizar-se de critérios subjetivos, conforme o conhecimento popular, este mecanismo de adoção preferencial entre os negros e seus descendentes aparentemente foi muito utilizado no Brasil<sup>1,3</sup>. Mesmo considerando a conotação maior ou menor que cada sobrenome de origem religiosa possa ter numa região ou noutra do Brasil, a associação destes nomes com a raça negra é fato. O qual continua a merecer estudo antropológico e histórico mais abrangente, inclusive observando o efeito do regionalismo e buscando levantar e explicar este mecanismo preferencial de adoção do sobrenome e a influência da Igreja Católica no processo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVÊDO, E.S. Anthropological and cultural meaning of family names in Bahia, Brazil. *Curr. Anthropol.* 21:360-363, 1980.
2. MASON, V.R. Sickle cell anemia. *J. Am. Med. Ass.* 79:8-13, 1992.
3. NAOUM, P.C. *Hemoglobinopatias no Estado de São Paulo: métodos de estudo, prevalência, distribuição geográfica e relações históricas e antropológicas.* Tese. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, S. P., 279 p., 1982.
4. PRADO Jr., C. *História Econômica do Brasil.* São Paulo: 26 ed. Editora Brasiliense, 1981, 364p.
5. SALZANO, F.M., Freire-Maia, N. *Populações Brasileiras.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1967, 177 p.
6. SKIDMORE, T.E. *Preto no Branco.* Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976, 332 p.
7. TAVARES-NETO, J. Nomes de família em brasileiros residentes no Distrito Federal. *Ci & Tróp.* (Recife) 19: 101-106, 1991.
8. TAVARES-NETO, J. and AZEVEDO, E.S. - Racial origin and historical aspects of family names in Bahia, Brazil. *Hum. Biol.* 49:287-299, 1977.
9. TAVARES-NETO, J. and AZEVÊDO, E.S. Family names and ABO blood frequencies in a mixed population of Bahia, Brazil. *Hum. Biol.* 50:361-367, 1978.
10. TAVARES-NETO, J.; NAOUM, P.C.; ADORNO, J.; AZEVÊDO, P.; BRITO, F.; CALDAS, M.; COUTO, M.; COSTA, K.; MARTINELLI, C.; GONZALEZ, A.; ASSAD, A.; MARTOZA, L.; REIS, F.; SILVA, N.M.C.; SILVA, P. e VIEIRA, M. - Hemoglobi-nopatias no Distrito Federal. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* 19 (1): 13-19, 1986.

**TABELA 1**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS NOMES DE FAMÍLIA EM INDIVÍDUOS**  
**COM HEMOGLOBINA NORMAL (AA) E PORTADORES DO**  
**TRAÇO FALCIFORME (AS).**

TIPO DO NOME	Hemoglobina					
	AA		AS		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Religioso	6	7,5	19	23,8	25	15,6
Outros	74	92,5	61	76,2	135	84,4
Total	80	100,0	80	100,0	160	100,0

$$X^2_1 = 8,01 \text{ p} < 0,005$$